

HOMENAGEM

A

Artur Roriz, Décio Nunes e Augusto Soucasaux

AUTORES DA REVISTA

AIQUETRETA, SEMARIQUINHAS



02.7(469.12)
OR

HOMENAGEM A
Artur Roriz, Décio Nunes e Augusto Soucasaux
AUTORES DA REVISTA
AI QUE TRETA, SE MARQUINHAS
EM 5.^a E 6.^a REPRESENTAÇÕES



C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 26839

Barcelone
Perrin

Segundo as crónicas rezam
Em letras d'ouro, imortais,
Êstes autores teatrais
Valem mais do que o que pesam!

LUZ

Na central, isto é notório
Tôda a tropa que lá 'stá
Diz que o Lindoso é que dá
As ordens p'ro escritório.

Esta luz é a nossa praga
Isto assim vai muito mau,
Pedem pau e muito pau
Ou ida abaixo de Braga.

REFRAIN

Que treta! Ai que treta se Marquinhas
Que treta! Tôda a luz lá d'Afurada
Vem agora do Lindoso às carreirinhas
Em tubagem Xavier bem encanada.

Luz a menos, luz a mais
Já se não sabe quem manda,
Ninguém sabe a quantas anda
Nem o saberá jámais.

É dinheiro p'rós alforjes
E mais não tem que saber,
P'rás turbinas Xavier
P'rós cofres da casa Borges.

REFRAIN

Que treta! Ai que treta se Marquinhas
etc.

Vejam lá que caridade
Soberbo valor da raça
Qu'até vão dar luz de graça
Para a nossa edilidade.

Todo o povo é um tambor
Que paga pontualmente
Ao fachina ou ao tenente
Ao sargento ou ao major.

REFRAIN

Que treta! Ai que treta se Marquinhas
etc.

Da revista «AI QUE TRETA, SE MARQUINHAS»

*Partitura a F. e A. de S. e S. - Tenente
Borges*

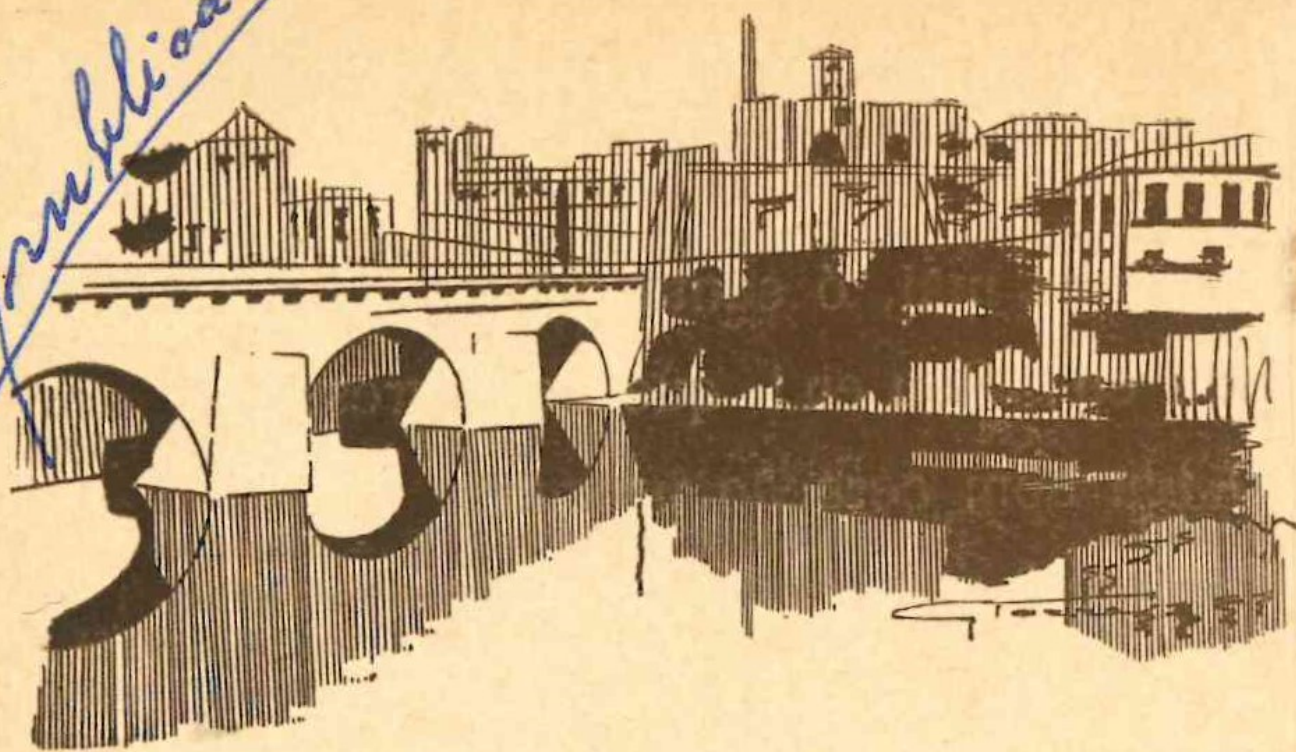
O EMIGRANTE

Ó minha mãe, ó santa mãe
Sou eu! Sou eu! que de regresso
O teu bom coração procuro.
Perdoa ó mãe, e do teu bem
Dá-me da casa o pão duro
A tua santa bênção peço!

Ó santa mãe tem piedade
Sou eu, sou eu! Teu filho vem.
Oh! agradece ao Bom Jesus
Ter dado às mães tanta bondade,
Tanta carícia que reluz
No bom coração duma mãe!

Ó minha mãe, ó santa mãe
Sou eu! sou eu! Peço perdão.
Tu' alma é santa e condoída.
Esquece a minha ingratidão;
Dá-me o bem do teu coração
Ó mãe, maior amor da vida!

A publicar



Longes heróicos surgem na alvorada,
Pedacos d'alma, restos de emoção.
A vida que retorna; e retornada
Não morre quando é grande a tradição.

Os feitos d'altivez desassombrada
Renascem com fervor no coração.
São vida eternamente em madrugada,
Oiro de lei que se não queima em vão.

A poalha que se esparge aurifulgente,
As auras que ciclam docemente,
Recortam as algêmas do Passado.

Emolduram a vida meigamente
E talham o Futuro resplendente
Liberto, altivo, enfim, desalgemado.

CESTINHOS

Ao fazermos muitos cestos bem feitiños
Paus p'ros cestos aguçamos com fervor
E do vime nós fazemos os cestinhos
Dando às varas as voltinhas do rigor

REFRAIN

Ora mete e tira, mete e tira, mete.
Ai cestinhos a fazer sempre a fazer
Nun vai-vem de fabricar que se repete
A meter, sempre a meter, sempre a meter

Metem-se as varas p'ro fundo pela ponta
Depois de bem aguçadas com cuidado
E na faina do fabrico vão sem conta
Dar em cestos serviço bem fabricado.

REFRAIN

Ora mete e tira, mete e tira, mete, etc.

Conseguimos com trabalho em varas feito
Cestinhos tam bonitos todos em vime
Não há quem faça trabalho mais perfeito
Quem melhor a tal serviço se acadime.

REFRAIN

Ora mete e tira, mete e tira, mete, etc.

Nós fazemos, nós fazemos às centenas
Em cestinhos os modelos que tivermos
Quer as varas sejam grandes ou pequenas
Trabalhadas vão p'ro sítio que quisermos.

REFRAIN

Ora mete e tira, mete e tira, mete, etc.

Vime duro, mas perfeito nós vergamos
Nós vergamos mesmo que tenha deteitos
Dando-lhe tôdas as voltas que nós damos
Nós fazemos os cestinhos mais bem feitos

REFRAIN

Ora mete e tira, mete e tira, mete, etc.

Com o vime nós fazemos muito bem
Cestos bonitos com tôda a perfeição.
Sendo o vime bem direito mais convém,
Pois se adapta facilmente à confecção.

Partitura de Francisco Carlos da Silva - Tenente
Manuê

BARCELOS

Barcelos já é cidade
E tem foros de grandeza
Mas não tem maior beleza
Seus feitos d'heroicidade.

Uma menção muita amiga
Fez de Barcelos cidade
Mas não se apaga a saüdade
De Barcelos, vila antiga.

Venha tudo que vier,
As maior's transformações,
Mas, p'ra nós, as tradições
Com a vila hão de morrer.

A nossa História regista
A nobre altivez da vila
Colocando-nos na fila
Duma soberba conquista.

Nossa vila, podem crêr,
Subiu de graduação
Mas dentro do coração
Continua vila a ser.

De Barcelos seu passado,
Por novas honras que tenha
Ou, porventura, a ter venha,
Nunca pode ser calcado.

A grandeza dos seus feitos,
A sua história imortal
De vila de Portugal,
Vive sempre em nossos peitos.

A tudo que nos fôr dado,
As honras que nos entregam
Recebem-se e não se negam
Não esquecendo o passado.

Por Barcelos, por Barcelos,
Quer seja vila ou cidade,
Pois seu grau de qualidade
Consiste nos actos belos.

Da revista «AI QUE TRETA, SE MARQUINHAS»

ARTUR RORIZ:



Para o verso e para a prosa
É valor mental à vista,
Cabeleira donairoso,
Alma e génio da revista.

CANÇÕES PERDIDAS

« Quem por amor's se perdeu
Não chore, não tenha pena »
Dos Alcaides no Museu
Nascem sábios à centena.

« O meu amor por amá-lo
Pôs-m'o peito numa chaga »
Mas no Quiosque do galo
Os censores são uma praga.

« Se aquilo que a gente sente
Cá dentro tivesse voz »
No Eirogo a água quente
Aquece-a o Dr. Queiroz.

« Na vida duma mulher
Há sempre um homem que passa »
A governar quando quer
Só o Dr. Matos Graça.

« Em tempos d'homens gigantes
Houve um rei o Desejado »
Das Câmaras cambiantes
Salvou-se o Doutor Furtado.

« Eu dantes para te ver
Saltava trinta quintais »
D. Nuno mandou dizer
P'ró Turismo o Dr. Pais.

« Na noite de S. João
Não há lume na lareira »
A mandar na situação
Manda o Emílio Moreira.

« Como querem ver contente
Êste País desgraçado »
Se até já dão localmente
Barreira livre ao mercado.

« Nós temos o mesmo fado
Ó fonte d'água cantante »
Na Matriz tudo mudado
Não pára a muda constante.

CÔRO DAS ÁGUAS

Não se tolera a secura
a secura

Nada deitam as torneiras
Seja sol de pouca dura — (bis)
A mania das asneiras.

Água a potes, água a rodos
água a rodos

Agora vai ter Barcelos
Água p'ra lavar a todos — (bis)
As hortaliças, os grelos.

REFRAIN

Ai que treta se Marquinhas
Às torneiras meta meta
Meta, meta, as cantarinhas
Se Marquinhas, ai que treta!

Água bem analisada
analisada

Vem p'ro ano p'ro entrudo
Água muito bem filtrada — (bis)
P'ra Barcelos um canudo.

Creiam nisto, não são lérias
não são lérias

A noss'água é tam limpinha
Deixou de ter bactérias — (bis)
Deu em águas de galinha.

REFRAIN

Ai que treta se Marquinhas, etc.

Tôda a água das nascentes
das nascentes

É p'ros consortes, em tornas
Deram leis as águas quentes-(bis)
Dão agora as águas mornas.

Isto das águas é jôgo
ai é jôgo

Tocar nelas é peor
Ou no rio ou no Eirôgo — (bis)
Não há limpeza maior.

REFRAIN

Ai que treta se Marquinhas, etc.

As águas do nosso rio
do nosso rio

São melhor's que de nascente
Fazem da luz um pavio — (bis)
E até baptizam a gente.

As águas são aquário
aquário

Dos peixinhos que lá tem
Até dão p'ra um balneário-(bis)
Que já não lava ninguém.

REFRAIN

Ai que treta se Marquinhas, etc.

ARQUEÓLOGOS

O nosso grupo
É dos barbeiros

—
É bem melhor
O dos padeiros.

Muito maior
O dos fotógrafos

—
São sup'riores
Os arqueólogos.

REFRAIN

Procuraremos
Nós buscaremos
As alabardas,
Jarros partidos,
Muitas espadas
Dos tempos idos.

VOZ

Nós arqueólogos
Que de filólogos
Ai nada temos,
Porém sabemos
Bem procurar
Datas perdidas,
Coisas delidas
E ruins d'achar.

Eia-à Franqueira
E viva a asneira,
Sismologia
E numismática,
Arqueologia,
Arte romana,
Da lei sismática
Velha cantana.

REFRAIN

Mas buscaremos,
Procuraremos,
Velhas ossadas,
Versos, cantigas
Armas quebradas
Portas antigas.

VOZ

Belos chapins
Velhos clarins.
Altos zimbórios,
Lindos cibórios,
Vasos exóticos
Armas brasões
Que sabichões
D'estilos góticos.

Muitas trombetas,
Muitas cornetas,
Escapulários,
Velhos armários,
Estatuazinhas
E muita pêta.
O se Marquinhas
Olhe que treta.

REFRAIN

Procuraremos
Nós buscaremos
As alabardas,
Jarros partidos,
Muitas espadas
Dos tempos idos.

AUGUSTO SOUCASAUX:



Percorram o burgo inteiro,
Terão a prova bastante
De que êste velho brejeiro
É o maior comediante.

FADO

Na balança decimal
Não pesa por ser miúdinho,
Mas lá na Junta Geral
Tem pêso o Dr. Marinho.

Mostrando talento e jeito,
Ó menino não desvaires
Quem entrou c'o pé direito
Foi o senhor Doutor Aires.

Em tudo a contra-cenar
Sabendo bem quando e onde
Com arte a representar
Faz figura o sor Visconde.

As mentiras mais cômpridas,
Os carapetões porreiros,
As larachas bem metidas
São do Alferes Barreiros.

Se era Cadeia ou Solar
Anda o Poyo numa fôna,
E não deixa sossegar
O Leopoldo Carmôna.

Os micróbios um horror!
A higiene um degrêdo!
Que consomem o Doutor
Domingos de Figueiredo.

Deixa correr os marfins
Das casacas que cortamos
Na Drogaria Martins
Ou então no Carlos Ramos.

Na caça e a escriturar
Lá por querer eu queria
Nas escrituras caçar
C'o Doutor Graça Faria.

Na medicina um talento
Cantador vê se descorres
E na caça é um portento
O Doutor Francisco Torres.

Á RUFIA

Fio de prumo aprumado,
Fabrica anéis com abraços,
E vende oiro contrastado
Só o Manuelzinho Passos

Na arte da pescaria
A pescar o hidrogénio,
Não há ninguém que se ria
Só o capitão Arménio

No trajar é um amor
A pessoa que focamos
P'ra tirar dentes sem dor
O senhor Camilo Ramos.

O compadre quer comadre,
Todo o sino quer badalo
P'ra fazer papel de padre
O senhor Doutor Gonçalo.

Da propaganda exercício
Quem a faz com tanta fé
E' só o senhor Simplicio
Com a Casa do Café.

Estado Novo, a Franqueira
São o seu amor sincero,
Mas da farmácia a canseira
'stá primeiro p'ro Antero.

É bom Doutor como os mais
Sabe montar com destreza,
Também medica animais
O Dr. João Beleza.

Se quiser's fazer figura
Tornar's-te linda e porreira
Compra uma dentadura
No senhor Doutor Moreira.

Isto é vulgar entre o povo
Paladar's p'ra todo o vinho
Segrêdo do Café Novo
Que sabe o Miguel Martinho.

Da revista «AI QUE TRETA, SE MARQUINHAS»

DÉCIO NUNES:



Fabricante de tecidos,
Por isso é de crêr que a peça
Tenha fios bem urdidos
Dos pés até à cabeça.

CANÇÃO DOS OPERÁRIOS DA FÁBRICA

Somos pobres, trabalhamos } *bis*
Em luta sempre à porfia; }
Mas assim nós conquistamos } *bis*
Todo o pão p'ra cada dia }

REFRAIN

Seja a gratidão
Nossa devoção
E que eternamente
Haja que fazer,
Rendas a tecer
Trabalho p'ra gente.

É tecer, é trabalhar } *bis*
Meias, gravatas, cordão, }
Pois temos a compensar } *bis*
O mais bondoso patrão }

REFRAIN

Seja a gratidão, etc.

Deus ajude a quem procura } *bis*
O trabalho que nos dão. }
Que nunca sinta amargura } *bis*
Quem nos faz ganhar o pão }

REFRAIN

Seja a gratidão, etc.

E aos que tem caridade } *bis*
De dar a vida a ganhar, }
Que nunca falte a bondade } *bis*
E tenham sempre que dar }

REFRAIN

Seja a gratidão, etc.

Nosso trabalho enche as casas } *bis*
Da porta até à lareira; }
Bemditas sejam as brasas } *bis*
Que ateiam essa fogueira }

REFRAIN

Seja a gratidão, etc.

E se a paz além da vida } *bis*
Tiver de ser dada a alguém, }
Seja por todos pedida } *bis*
P'raquêles que fazem bem }

Da revista «AI QUE TRETA, SE MARQUINHAS»

SERRÃO DA VEIGA:



E p'ra dar vida e calor
À revista,—não foi mau
Importar o ensaiador
Lá das bandas de Macau.

OS BONEQUINHOS

Fabricantes d'olaria
Dando-lhos melhor's jeitinhos
Fazemos com harmonia
Os mais lindos bonequinhos.
Rapazes e raparigas
Fabricamos a contento
Entre beijos e cantigas
A compasso muito lento.

REFRAIN

Bonecos fazemos
Ai sempre sempre
E nuns instantes.
Bonecos fazemos
E fabricamos
Muito galantes.

De resto somos atreitas
Do barro tudo fazer
Pois até nós fomos feitas
De barro, mas por coser.
Por isso nós trabalhamos
Nessa origem que tivemos
Bem feitos pois, reputamos
Os bonecos que fizemos.

REFRAIN

Bonecos fazemos, etc.

Nas regras de fabricar
Com arte, amor e com alma
C'os bonecos trabalhar
Não há quem nos leve a palma.
Só nós sabemos dar jeitos
E fazer com perfeição
Os bonecos mais bem feitos
Em bons trabalhos à mão.

REFRAIN

Bonecos fazemos, etc.

Comprem, comprem meus senhores
Nossos lindos bonequinhos
Pois quem fez êstes amores
Faz outros mais perfeitinhos.
Aproveitem dêste bem
Mas não façam muito alarde,
Não ò digam a ninguém...
Amanhã já será tarde.

Da revista «AI QUE TRETA, SE MARQUINHAS»

«**A**INDA não se desfez o eco do êxito que obteve no «Gil Vicente» a primeira representação da interessante peça — **Ai que treta se Marquinhas** — da autoria dos Snrs. Artur Roriz Pereira, Décio Nunes e Augusto Soucasaux, ilustres e distintos barcelenses.

Os aplausos entusiásticos e vibrantes que recebeu do público nas noites, já agora inolvidáveis, de sábado e domingo últimos, constituíram significativa e viva demonstração do quanto deixamos afirmado.

De facto, **Ai que treta se Marquinhas**, é uma peça; tem teatro, apresenta-se com espírito subtil e equilibrado, levemente mordaz, quando não excessivamente gentil

As caricaturas dos diversos personagens, focados durante o seu decorrer, agradam plenamente; a comicidade de alguns deles polariza-se com delicadeza, consoante as situações sociais dos atingidos.

Há em toda a peça equilíbrio cénico, mocidade estuante, graça sem exagêro, alegria e côr, enfim — Arte.

O soneto do prólogo, dito com elevação pelo Snr. Serrão da Veiga, ensaiador da peça, revela por parte do seu autor, que sabemos ser o Snr. Artur Roriz Pereira, quando desenha a figura histórica do seu personagem patriótico, verdadeiro talento poético, dispõe bem, encanta, sensibiliza, consegue dominar e emocionar o ambiente.

A revista, sob ponto de vista técnico, agrada plenamente. O desenvolvimento da acção e a sua montagem, à parte pequenos detalhes, atendendo aos elementos que o meio oferece e a dificuldade de execução, é quasi impecável.

Os cenários da autoria do Snr. Gonçalves Tôrres, . . . barcelense e laureado aluno da Escola de Belas Artes do Porto, são magníficos, impõem-se pela nitidez de traços, efeitos de côr e luz, realçam pelo brilho da sua contextura e realidade.

O guarda-roupa, leve e sem pretensões, está executado com gosto, condiz perfeitamente com os personagens que se exteriorizam, é de corte feliz, distinto e sóbrio; houve na sua escolha uma boa orientação; as figuras são postas com garbo e, tendo originalidade, fogem da exteriorização banal e do nu pornográfico e irritante.

..... é de justiça prestar as nossas homenagens ao ensaiador da peça, Snr. Serrão da Veiga, que deu provas exuberantes dos seus altos méritos.

A peça, em geral, está bem urdida, mostra quadros cheios de beleza; fere bem e com propriedade a nota local, política e regionalista.

As cenas do «Congresso dos Vinhos» e das «Lavadeiras» e, entre outros, os números do «Programa das Festas das Cruzes», «Novas ricas» e «Pispautira», distinguem-se pela sua faceta cómica e graça subtil,

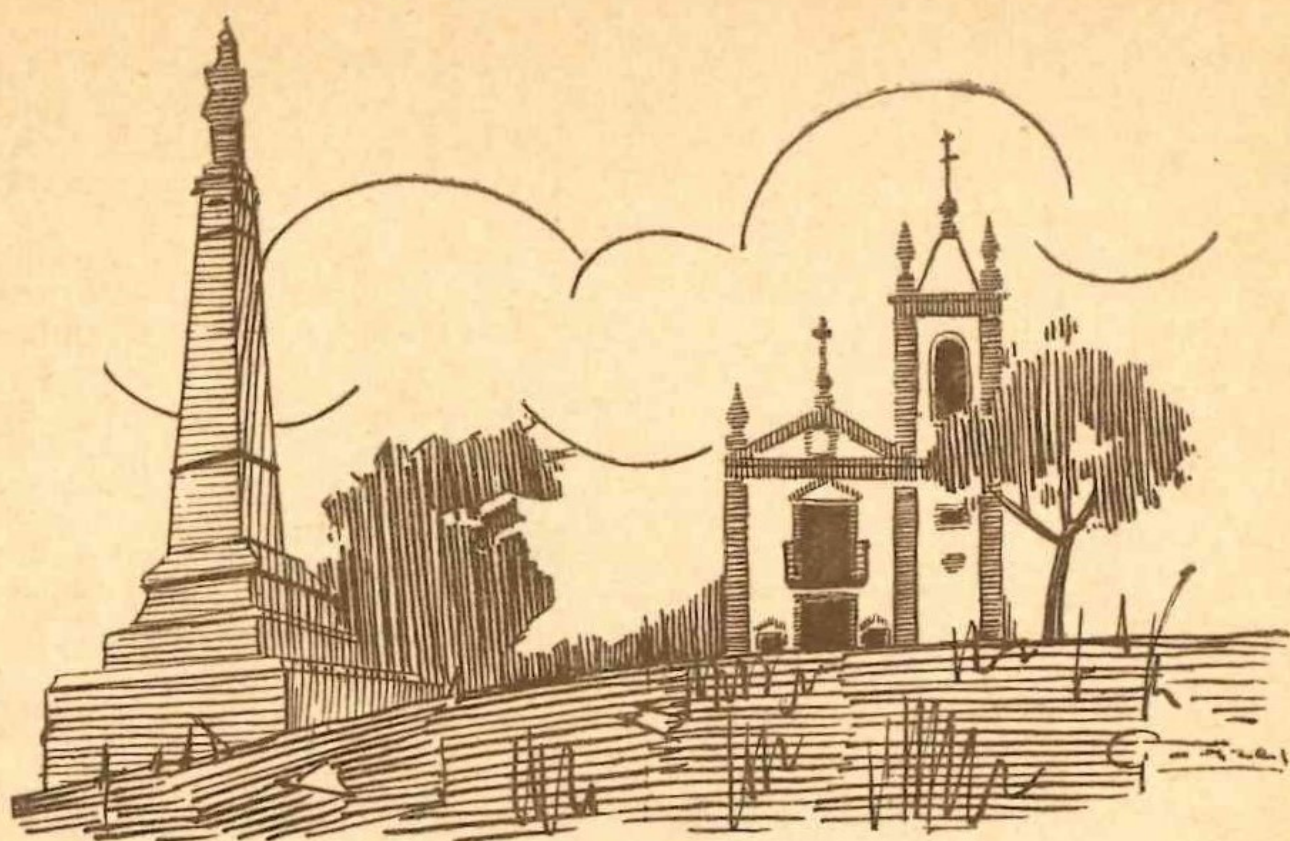
Resta-nos, finalmente, endereçar aos ilustres autores da Revista, filhos dilectos de Barcelos, bairristas de gema, as mais sinceras felicitações.

O que conseguiram realizar, representa alguma coisa de estranho e de notável.

Não há elogios, por mais justos e sinceros que sejam, que possam corresponder ao valor e ao mérito da sua obra.

O maior elogio que podem receber não é o nosso, mas sim o da geração que viu a Revista e que por os anos em fora sempre recordará com saúdade os nomes de Artur Roriz Pereira, Décio Nunes e Augusto Soucasaux».

De «O Barcelense» de 18 de Maio de 1935



Lá no alto da Franqueira,
Lá do cume, da cimeira,
Vê-se a mais linda paisagem:
Ao lado, velho castelo
Do Alcaide feito belo
Da mais altiva coragem.

De beleza excepcional,
Não há nada em Portugal
Que a exceda em panorama,
Nem gesto d'intrepidez,
Patriótica altivez
Que tenha mais viva fama.

É o mar que se divisa,
O Cávado que deslisa,
O mais soberbo horizonte,
O sol que doira os espaços,
Relva a sorrir em abraços,
Bênçãos do céu sôbre o monte.

Mas como é linda a Franqueira
Lá no alto, da cimeira,
Co'a imagem da Senhora
A sorrir em arrebol
Enchendo a terra de sol
Dia a dia... hora a hora...

OS COLARES DE TÔRRES VEDRAS

Nós que estivemos na guerra
No *front* sofrendo amargura
Defendendo a nossa Terra,
Nós que estivemos na guerra
Com tôda a honra e bravura.

Cruzes de guerra nos peitos,
Tôrre d'Espada e colar
Mostra bem que nossos peitos,
Cruzes de guerra nos peitos
Serão muito de louvar.

REFRAIN

O colar Tôrre d'Espada
Nem que tenha ricas pedras
Nunca se compara em nada
Aos colar's de Tôrres Vedras.

Barcelos deu brado um dia
Em tom fero, em tom guerreiro
Morto o Alcaide de Faria,
Barcelos deu brado um dia
Mas honras não dão dinheiro.

Bater-se pelo Direito
Verdade que não ofende;
Tais honras não dão proveito
Bater-se pelo Direito
E' disputa que não rende.

REFRAIN

O colar Tôrre d'Espada, etc.

Mais vale boa questão
Qu'a Tôrre d'Espada ter
Como altivo galardão.
Mais vale boa questão
No Tribunal a correr.

Tôrre d'Espada e colar
São distintivo altaneiro,
Mas é melhor arranjar
Tôrre d'Espada em colar
E causas que dão dinheiro.

REFRAIN

O colar Tôrre d'Espada, etc.

Tudo se arranja na vida
A questão é de jeitinho;
Nenhuma causa é perdida,
Tudo se arranja na vida
Quando abunda o dinheirinho.

Haja bons advogados
E procurador's também.
Todos bem recompensados,
Haja bons advogados
Que todos dizem amén.

REFRAIN

O colar Tôrre d'Espada, etc.

FLORES

Somos flor's cá da terra
Sempre em guerra
Co'as mais lindas raparigas
Rapazes dia-a-dia
Em porfia
Pedem beijos e cantigas.

Perfume que espalhamos
Logo damos
Aos rapazes que entender
De todo o nosso amor
Seu fervor
Mal sabem onde escolher.

Mas ninguém melhor reparte
As carícias, os desejos
Que damos com tanta arte
Entre milhar's de beijos.

E todo o sonho se esvai,
Espalhado como o fumo,
Duma mulher que cai
Sem saber o seu rumo.

Todo o nosso calor
Em amor
Ninguém o pode imitar
Um beijo de mulher
É mister
Seu segredo bem guardar.

Tudo aquilo que damos
Espalhamos
Entre segredos e beijos.
Carinhos e abraços
São pedaços
Da nossa ânsia de desejos.

Mas as mulher's já nasceram
Fadadas p'la natureza,
Mulher's nunca perderam
Ao dar-se com beleza

É por isso que trocamos
Pelos beijos que nos dão
Outros beijos que nós damos
Com tôda a devoção.

Da revista «AI QUE TRETA, SE MARQUINHAS»

CONGRESSO

Rapariga, rapariga
Pela tua cantoria
Já bebeste da cantiga
Das pipas da Vacaria.

Eu não sou da tua ogalha
Nem nasci no teu poleiro
Bebes na Rosa da Palha
Vais acabar no celeiro.

REFRAIN

Ai bemdito seja o vinho,
Bemdito seja mil vezes
Deus nos dê um S. Martinho
Tôda a vida mais seis meses.

Cantadeira, cantadeira
Tu só bebes à capucha
Mas já vens da Bagoeira
E vais atestar à Chucha.

Sê decente, tem recato
Não tomes tanta nabeira
Se bebes no Libarato
Não deixas o da Parreira.

O vinho embala em deleite
É levado do demónio
Quer seja o do Novais Leite
Quer o do Dr. Teotónio.

Quanto mais bebes, mais medras
E apanhas a camueca
C'o vinho Ferreira Pedras
C'o vinho Miguel Fonseca.

REFRAIN

Viva o vinho, viva o vinho
Que faz dormir e sonhar,
Eh raparigas do Minho
Rapazes, vamos dançar.

Se bebo não é de graça
Pois que o vinho é duma cana
Tanto o branco da Vilaça
Como o rascante da Urbana.

VINÍCOLA

REFRAIN

Venha vinho
Venha vinho
Venha vinho sem mistura
Venha vinho
Venha vinho
Venha vinho com fartura.

O-ai-o vinho
Fora, fora o aldrabão
Fora, fora o maganão
Qu'ê tipo camaleão. } *bis*

Não teimes Doiro vizinho
Qu'a apanhas uma tacada
Cala-te mui caladinho
Teimar não serve de nada.

REFRAIN

P'ra que teimar
P'ra que insistir
Vai-te deitar
Menino vai-te despir.

Se as águas correm p'ró mar
E se o vinho apaga as dores
Protestar por protestar
Vai protestar, p'rós Açôres.

REFRAIN

P'ra que teimar, etc.

Ai que treta se Marquinhas
Nesta nova reinação
Há medidas compridinhas
Mas p'ra nossa salvação.

REFRAIN

P'ra que teimar, etc.

Da revista «AI QUE TRETA, SE MARQUINHAS»

C. M. B.

BIBLIOTECA

1.º MILHAR

Esta obra — notem bem —
Outro intuito não encerra
Que prestar justiça a quem
Enaltece a nossa terra!

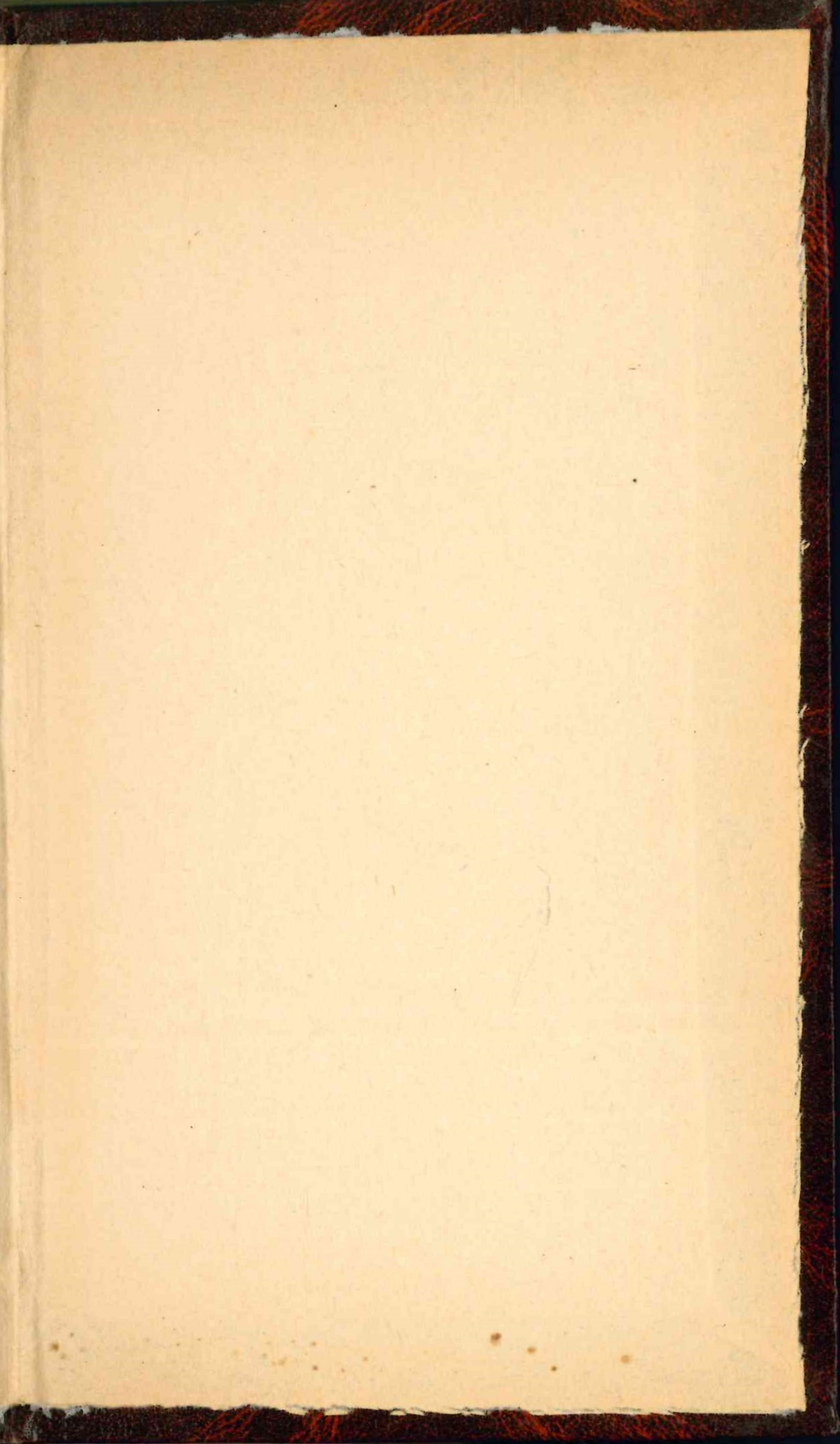


Flor de Tojeira



Gonçalves

PREÇO — 1\$00



biblioteca
municipal
barcelos



26839

Homenagem a Artur Roriz,
Décio Nunes e Augusto